

Sexta-feira, 22/2/63
Hora - 21 horas
Domingos - 18 horas
Produtor: OSVALDO MOLES

HISTÓRIAS DAS MALOCAS

TÉCNICA "SEJURA O APITO" - alto e ,depois, lentamente,
vem vindo a BQ, para ficar no fundo.

LOCUTOR R e Rádio Record de São Paulo - estação PRB 9 -
passa a apresentar, neste momento...

LOCUTORA HISTÓRIAS DAS MALOCAS.

LOCUTOR Um programa escrito por OSVALDO MOLES.

LOCUTORA Viagem costeira pela vida dos humildes.

LOCUTOR Ensaíos e direção de ADONIRAN BARBOSA.

TÉCNICA "SEJURA O APITO" - sobe e, depois, vai desapare-
cendo.

LOCUTOR Em todas as livrarias, pela agora o livro de
Osvaldo Moles

LOCUTORA PIQUENIQUE CLASSE C.

LOCUTOR Toda a crítica literária do Brasil consagra
PIQUENIQUE CLASSE C.

LOCUTORA Piquenique Classe C é o livro mais divertido de
1963.

LOCUTOR Procure, agora, o seu exemplar de PIQUENIQUE
CLASSE C - de OSVALDO MOLES.

LOCUTORA Um lançamento da Boa Leitura Editora - Caixa
Postal 738 - São Paulo.

TÉCNICA "SEJURA O APITO" - sobe e vai desaparecendo
lentamente.

- LOCUTOR Os maiores cartazes condizantes do Rádio e da TV em Histórias das Malocas :
- LOCUTORA DJALMA AMARAL.
- LOCUTOR MARIA TERESA - MARIA ESTELA BARROS - ALZIRA DE OLIVEIRA.
- LOCUTORA No papel do Charutinho, o popularíssimo astro do circo e do disco, do Rádio e do Cinema Nacional : ADONIRAN BARBOSA.
- BARBOSA Cachorro, político, mulé e abraço...pode dará que eu laço.
- LOCUTORA Para Histórias das Malocas de hoje, Osvaldo Mole s escreveu um radioconto original...
- ME O tito, pode dará que eu ponho no barbante. O tito é ansim : ALIGRITA DE POBRE É MORRÊ NO CARNAVAR.
- LOCUTORA E, para dar início ao programa de hoje, vamos chamar o nossos narrador.....
- LOCUTOR Com voçs, o narrador
- NARRADOR Há um cheiro de carnaval em toda a cidade. Talvez seja o cheiro acre das multidões transpirando, quando procura se divertir, comprimida, olhando o leite da rua...em que não passa nada. Mas o arôma da cidade, se mistura agora com os gritos e os ditos da multidão....
- ESTELA (J) Eu quero e diverti eu no carnava... mais a minha mãe qué que eu vá casá papá de serapentina e confetti.
- ME Viva o carnava em quece rico bota fora o que os pobre arrecóie.
- ALZIRA (M) Eu quero uma fantasia de caracú. coisa. Tô cansada depassá o carnava de muitas rôpa paisana.
- DIJA Carra menina, carra. O pino num vai acabá neste carnava. Oô...quano oô crescê...vai sê balisa ô porta estandarte da minha escola de samba.
- ALZIRA O sinhô tem escola ?
- DIJA Di samba.

ALZIRA

É apreciada pelo governo Federal ?

DIZIA

mas lá

É apreciada pelo coração do povo. Mas chega, não ?

HE

No carnaval eu vô estralá o dedão do pé aquêdo di frente que eu vô levantá, sacudi a puôza e passa por cima.

DIZIA

Cia, dona Xerexoca. Vô lá dá um consêio.

HE

Perfêro que o sinhô ni dê um Langaprefuro.

DIZIA

O que ? A sinhora falô perfêro ?

HE+

Perfêro, sim. Do verbo perfêrir. Eu perfêro, tu perfuras, ele perfôra.

DIZIA

Dona Xerexoca... A sinhora ma sabe sequal atende quemra o verbo.

HE

Maio sei, adonde quemra as légria. (RI) AA EE II CO UU.

STELA

Dona Toroso ca.

HE

O qui qui lá, Rojãozinho ?

STELA

A sinhora podia empresta prá mim um vistido non pá ou ni fantasiado ?

HE

De que ?

STELA

De espantêio.

HE

Ô seu envetgunka. Mas aparecebu enducamento ?

Intão o meu vistido tem cara de espartaladô ?

Dona, dona Xerexoca... São criança... Eles nem sabem o que fazem.

DIZIA

HE

Espantêio ô hêmi. Viu ? Eu nunca vi espantêio vistido co m rôpe de mãô.

NARRADOR

Assim são as conversas de Morro do Piôlho. Assim são as conversas dessa gente simples, tão simples que se contenta só com a alegria participante.

(LAIÇANTONA) Seu Chamutinho.

Hum chama eu de "seu". Eu já fui muito "seu" entogamento, quando eu era rico.

E agora ?

Agora eu sô + pilantra, pé de chinelo, banguêio, essas coisa.

Alzira

BAMBOLA

Alzira

BAMBOLA

ALZIRA

Mais o sinhô já foi rico, seu Charutinho ?

BARBOSA

Já. Um dia eu fui rico. (PAUSA) Tive oitocentas cruzeiros no borse.

ALZIRA

(ESPANTO) Oitocentos ? (PAUSA) É muito, mas é seu Charutinho ? (PAUSA) Quanto que é, hein ?

BARBOSA

É oitocentas nota de um cruzeiro. Mangina... Eu com oitocentos tico tico de 1 cruzeiro no buraco do pano. (RI)

ALZIRA

Charutinho. Se você era rico, bom rico mesmo, cheio de dinheiro, o que é que você ia fazer ?

BARBOSA

Eu ? O mesmo que eu faço hoje... nada.

(PAUSA) Pixainha. (PAUSA) Oôg num engara eu, não. Você tá é muito triste. Comparece aquela dança moderna que anda por aí, o triste.

ALZIRA

Eu é triste. É tuiste.

BARBOSA

E. Mais de caráque manôrag você tá triste.

ALZIRA

Tô sim. Sabe ? Eu queria, mas carnava, sai fantasiada de alguma coisa.

BARBOSA

E por que que num sai ?

ALZIRA

Porque eu num tenho a fantasia.

BARBOSA

Sai fantasiada de chapelôra de campo de madista.

ALZIRA

O que é que é isso, hein ? (PAUSA E T) Sabe ? A fantasia que eu mais gostava de tá, era... de simpéco.

BARBOSA

O que ?

ALZIRA

Simpéco. Porquebrilha muito. Eu gosto de coisa quebrilha.

BARBOSA

Oi quê, ô Pixainha. Mas calva você é uma fantasia de que o suíço ? Só dá buraco.

ALZIRA

Assim eles ia pensá que eu encançamento de rua. Sabe do que que eu gostava mesmo de sai ? (PAUSA) De India.

BARBOSA

É ó ? De India, é ? Eu conheço uma India oitentas. Ela se chama Santiago Santa. É nome de india. (T) Mas é o que é preciso pa' fazer uma fantasia de india ?

ALZIRA

Pois é. Eu queria sai de india. Mais num tenho pena...

ALZIRA

Pois é. Eu queria ver a visita de índia... mas
nem tenho pena...

BARBOSA

Pena de que ?

ALZIRA

Pena de distração, de ganso, de pavão, de jaburu...

INDIOLA

Mi digamos coisa, Pizinha. (FAUSA) Pena de
pensamento salvo ?

ALZIRA

Pena de que ?

BARBOSA

De pensa. É de galinha.

ALZIRA

Temão salvo. Se fô ben cumprido.

BARRADON

O Charutinho saiu dela com aquele pedido da
menina verrucando. Verrucando a cateca como se
fôsse um obcessão.

BARBOSA

A Pizinha que pena... Se eu voltava à minha
antigaprofissão de pensero, eu arrumava pena
que era só pena que avuava.
Ô vô dá um jeito...

ME

O qui qui hé, Charutinho ? Oco tá fora mastigando
quessôgônio, é ? Tá falano sôrinho, mastigando a
língua, por qua ?

BARBOSA

É que eu num sei como é que vô fazê pé divelta
no carnaval.

ME

Ô dotão. Oco num vai na gafiôra ?

BARBOSA

O quar que é a gafiôra ?

ME

Aquela chamada "Tem espreme que a dama gome".

BARBOSA

É é ? É bô lá. Tem intê suão. Sabe o que é suão
? Escas tauba que a gente acalôca no chão pá
fazêchão.

ME

É é ? Tem suão é ? E o que é que a gente fais ?
Porque gafiôra quem tem suão, num selve... e négo
da lá feito um caitiú na corrida do mato.

BARBOSA

Ô véia que num sabe nada. Eu tô falano quem gafiô-
ra "Tem espreme que a. damgens", tem suão no chão.
suão é tauba de pisá.

- ME (RI) AA EE II OO UU. Eu pensava que aquilo fosse
 guarda-roupa de limpá suô.
- ESTELA (PRETA GRANDE) Dá licença ? É Eis que é que coôis
 tá falando aí ?
- ME É tô falando pro Charutinho que vai havê um balhe
 na gafiôra "Num espreso... que a dama gere".
- ESTELA Ué. Num tio é portêro.
- BARBOSA Ué, Davige. Num tio é portêro ? (PAUSA) Tem bôca ?
- ESTELA Naturá que tem. Quem vai cumigo, entra no balhe.
- ME (ASSANHADA) Eu vô. Eu vô Eu vô Ino já já. É
 só trocá de brinco e eu já vô.
- ESTELA Mais num é hoje, não.
 É sábado.
 Tem ratinêto.
- BARBOSA Tem o que ?
- ESTELA "atinêto. É balhe de tarde. É vô entrá sábado
 de tarde e vô passá os quatro dia de carnavá
 lá dentro da gafiôra.
- ME O que ? Quatro dia de carnavá mitida numa gafiôra ?
- ESTELA É piquenique. A gente drêna da escada e leva a
 cuida dibáis do braço.
- BARBOSA Tem cuida ? Num bibida ? Intêo, eu vô.
- ESTELA Óia aqui. Vão faxê o seguinte. Eu espero coôis
 no sábado, lá in casa, duas hora. Tá bem ansin ?
- BARBOSA Qui hora ?
- ESTELA Duas hora.
- BARBOSA Cinco prá uma eu tô lá.
- ESTELA Mais eu falei duas hora.
- BARBOSA Num t'ainmá, num tem importancia. Malho dilha e
 melho eu já tô lá.
- NARRADOR Ficou tudo combinádo. Pela primeira vez em sua
 vida, o Charutinho TIBHA emê ir no Carnaval.

BARBOSA

Ô vô lá. Págo as dança, pogo as duma, pogo a péla, pogo o morto e só saíe na qualtafêra de ariza. parqueo cintrêre, nessa artura, deve de tá dhaio.

LOCUTORA

Charutinho. Você se dá Licepço, Charutinho ?

BARBOSA

Ô garôtinha. Ô é um que enxige no saúio na gaffêra "Não espreme...que a dama gema" ?

LOCUTORA

Ea só vim aqui a fim de anunciar o PIQUENIQUE CLASSE C.

BARBOSA

Pois não, jeitosom, pode anuncia.

LOCUTORA

Toda a critica literaria de São Paulo e do Rio, consagra o livro de OSVALDO MOLES : PIQUENIQUE CLASSE C.

LOCUTOR

Sergio Malliet considera PIQUENIQUE CLASSE C um livro pitoresco e divertido.

LOCUTORA

Leonardo Arroyo, das Folhas, considera PIQUENIQUE CLASSE C como portador de verdadeiras obras primas.

LOCUTOR

PIQUENIQUE CLASSE C constituiu-se no maior sucesso de livros em São Paulo.

LOCUTORA

PIQUENIQUE CLASSE C - com asmais divertidas histórias e crônicas de Osvaldo Moles.

LOCUTOR

PIQUENIQUE CLASSE C - um lançamento da Boa Leitura Editora - Caixa Postal 758 - São Paulo.

LOCUTORA

E, para dar prosseguimento a Histórias das Malocas, volta ao nosso microfone o narrador...

NARRADOR

O Charutinho bem que estava se preparando para passar quatro dias naquelagaffêra que tinha o pitoresco nome de "Não espreme...que a dama gema". Mas...

ALZIRA

Sen Charutinho. O sinhô porvidenciô a minha fantasia ?

BARBOSA

O que ?

ALZIRA

porvidenciô a minha fantasia ? Eo India.

BARBOSA

Ea sei que o negócio que ocô que é pena. Mais o que que dise porvidenciô ?

ALZIRA

É se o seinhô arrazô.

- BARBOSA O vô dá um jeitinho, viu ?
- ALZIRA Da tenho muita desconfiança no sinhô. Eu sei que o sinhô vai mi trazer as penas mesmo.
- BARBOSA Pode contar com as penas. Cumigo, oô vai pená tanto viu ?
- NARRADOR O Charutinho, então, conseguiu a conjecturar ocoo é que faria, para arranjar as penas da fantasia Ganandim.
- BARBOSA O jeito que tem aqui é assartá um depósito de penas.
- MT Uê. Ocoo tem prática. Ocoo sempre foi ladrão de galinha na tua vida.
- Inté o teu pilido nos meiosociars dos ladrão de galinha era : Cocococó.
- BARBOSA É verdade. No tempo que eu cunhava Cocococó, tuia veis que eu ia passá a mão nmas galinha jeitoco, ô o galo cantava, ô as galinha gargarejava, ô o cachorro ladrava...
- MT Se lembra do dia em que Socô foi afaná penosa e vertô com um péxe debaixo do braço?
- BARBOSA Foi o dia que eu tavi fugindo da justa e caí no rio. O péxe semvergonha entrô nmo no meu borse.
- MT Vai vô que ele queria í no canema.
- BARBOSA Mais eu acho que tenho que fazê um selviço mais ô menos al ho e ôlio pá acudá a fantasia da Pixainha.
- MT Óia. Façam selviço completo. Porque se dê muita pena eu quero porveitá.
- BARBOSA O que ? Ocoo, véia ? Porveitá aspena prá que ?
- MT Eu quero vê se vô fantasiada de peteca.
- NARRADOR O plano se desenhou, direito, na cabeça do Charutinho.
- BARBOSA Dija. Ocoo qué í cumigo ?

DIJA

Eu não posso. Eu tô cõ cordão do sapato dissarradgr. Hum dá...

BARBOSA

O que ? O cõ já viu afamad o de penosa i trabalhá depizante ?

Éis vai nemo é discarço.

DIJA

Hum goste de entrá discarço em galinhãro. Dá bicho do pé.

BARBOSA

Se dá bicho do pé, o cõ tira cõ machadinho, ué.

DIJA

Eu posso ~~ix~~ Mais só se fõ prá mim ficar aqui fora, de campana.

BARBOSA

O que ? O cõ fica aqui fora acompaino a pajafe e eu é que vô trabalhá é ?

DIJA

É a minha cundição.

BARBOSA

Óia. Vamo tirá o par ô impes. Se sai p'ar, o cõ é que entra no galinhero. Se sai impes, o cõ só apen netra. E se sai zero, quem vai sô eu.

(T) Vamo lá. (T) Par ô impes ?

DIJA

Eu quero impa.

BARBOSA

Um dois três.

(FAZ PAUSA) (CONTA)

Um dois três um. Quatro cinco seis sete seis. É pá ô impes ?

DIJA

O que ?

BARBOSA

Sete é par ô impes ?

DIJA

Eu acho que é par.

BARBOSA

O cõ ganhô, seu Dija. Noug parâda, viu ? Você é quem vai entrá no galinhero. O cõ e ganhô o tôsquis.

DIJA

Muito brigado. A conversa tá muito disanimada... mais eu já vô ino. (IDO) Chiau nemo, viu Charutinho ?

BARBOSA

O que ? Adon que está sua palavra ? O cõ ganhô o direito de entrá no depósito de penca e fassê o selviço, e despréza a vitória ?

DIJA

Eu já disse que não posso. Fica o cõ sózinho, que é grandinho, que eu vô passá a mão ni mim e vô se arretirá.

NARRADOR

Às dez horas da noite, saiu o Charutinho com um saco de anjagom, um cojudo e outros elementos. As ferramentas debata pensação tudo aqui.

BARBOSA

NARRADOR

próprios para o serviço dessa noite. Quando chegou na primeira curva do Morro do Pião...

BARBOSA

Para vida.

Su já sai há cinco minuto de case e ainda nem tô cansado.

Sempre que eu penso que tô trabalhando, eu fico rebentado.

No dia em que bebê cachaca fô trabalho, eu passo pá lei seca.

NARRADOR

Quando chegou a uns cento e vinte metros do ponto de partida...

BARBOSA

Já tô morto de cansado de carregá este sacco. Nem guento mais.

Ingraçadu. (RI)

Galinha que a gente afana, devia vir numa embalagem própria.

Ô acho que vô amuntá uma fábrica de embalagem de galinha que vai só rolar.

Já vem tudo pronto...i pronto.

(RI)

NARRADOR

De repente, chegou a um lugar ermo, onde uma casa de muro alto mostrava as travessas de um galinheiro.

BARBOSA

É cui ossa que eu vô.

Mais esse muro aí é danado pá gente pulá.

Só de licópia.

Vô vê se adescubre uma entrada por aí.

(PAUSA LONGA) Manja manja... aqui tem uma cerca de sarrafo.

Ô vô faz ^ê uma aba tura no sarrafo e disp ois passo a mão ní mim e ponho eu do ôtro lado.

NARRADOR

Começou a trabalhar arduamente, com as ferramentas que levava, para arrombar o portão de entrada. Tirou um velho pé de cabra, que fôra de um crininoso antigo...

- BARBOSA O pé de cabra é
Tú vai trabalhá direito, hein ?
Tu apretenou a boa arma do Murfidão, aquele que
fazia o escurucho nas casa e matava só prá vô se
o mão ribundo tinha pinvôrte de ôco na boca, na
hora do grito.
- NARRADOR Esforçou-se por mais de duas horas, mexendo no
portão, sem fazer o menor barulho.
De repente, conseguiu abrir as grades.
- BARBOSA Já tá aberto, agora.
ô vô entrá.
(T) Com licença, portão ?
- NARRADOR Entre. Avistou o galinheiro e para lá se dirigiu.
- BARBOSA Vô Maria que tainho osu. Crescospadre. Seja filiz o
vosso reho viva São Binidito, amém.
- NARRADOR Que é isso ?
- BARBOSA Rosa, ué. Antes de começá carqui selviço eu acurume
ressá pá pidi ao majorango do Céu que me dê um bôo
trabáio.
- NARRADOR Então, começando por colocar debaixo dos pés das
galinhas, um madeira redonda, coçava a cabeça
das penosas e colocava tudo no grande sacco de
miagem.
- BARBOSA Agora já tem umas vinte e cinco aí drente. Ô cahô
quêtá de bôo tamanho.
- NARRADOR Vôio bufando pela madrugada afora. Que estava pess-
do estava...
- BARBOSA (BUFANDO) É porisso que Deus escreveu assim na minha cartêra
de trabáio : VAGABUNDO.
É como diz o povo : ro búfáci. Carregá é que é
um espêto.
- NARRADOR Lá para as dezhoras da manhã, é que foi chegando
no barraco da velha.
- BARBOSA Tema, véia. Tem duasdusa de galinha aí drente do
sacô.
- BT Duas dúsa ? Vai dá pá gente levá pá galêra páfara o
piniquico.

BARBOSA

Vinte e cinco num é duas dúzias ? Ah! tem 25.

NARRADOR

A velha, entusiasmada, começou a olhar para as galinhas...

ME ME

É uma misgorda do que a outra. Elas tão, tão gorda quando parece galinha, parece ovo gordo.

BARBOSA

Vê lá. Vê drudi, viu ? Que hora são ?

ME

— Ah! o sol, devia de se quasi onze hora.

BARBOSA

A hora do encontro cá Davigos é duas hora, num é ?

ME

Vai puxá o ronco. Inquanto oco dróce, eu asso as penos tudo.

BARBOSA

(MOCEJA). Mas isque? que uma palta das pena é da Pizainha.

NARRADOR

E o nosso amigo Charutinho, depois do dever cumprido, resolveu dormir...

BARBOSA

(RONCA FORTE E VAI A BO)

NARRADOR

Lá pelas 13 e 30, a velha resolveu chamar o Charutinho.

ME

Charutinho.

Acorda.

BARBOSA

As galinha tão assada e a Davigos tá esperando a
RONCO MAISFORTE.

ME

(GRIETARIA CHAMANDO) Ué. O cara num acorda mesmo. Qui será que aconteceu ? Ah... É por que ele trabalé um noite.

BARBOSA

(GRITA) Charutinho, acorda.

NARRADOR

(ESTREMUNEADO) Ah... Dêxa eu berçá...

Como estava quase em cima de hora, a velha decidiu de chamar o Charutinho, e uniu-se à Davigos e ambas foram para a galieira.

BARBOSA

(PAUSA) Bem. Lá para as dez horas da noite, o Charutinho acordou :

Ô véia. Qui hora são. Anho de í na galieira.

(T ESPANTO) O que ? Já é di di noite ? (PAUSA)

Num tem ninguém em casa ?

NARRADOR

Então, percebeu tudo.

BARBOSA

Eu disse. A vésia tá sendo dramático e foi pra galinha.

Foi sacrate ó eu não acordar ?
I agora ?

NARRADOR

E agora, Chabutinha. Não nos dê assim, o porteiro não vai deixar entrar.

Que é que você vai fazer ?

BARBOSA

A vésia tá na galã' ora.

A Davina também.

An galinha também tá tufo lá.

A Picaia tá cá fantasia de para da índia.

E eu tô pra lá os quatro dias do carnaval aqui, sem nada, sem nada...

Bã aí.

NARRADOR

E, então, dizendo isso para o seu destino, exclamou:

Dei fora é que eu não lico. Tô confuso e tôa
vô se darí cõ coisa de fora, e tá pra lá quatro dias
lá cá.

Lá, na mão, eu faço carnaval de minha cabeça
de.

NARRADOR

Seventeen... e então, desolado

é como dia e deitado a

Quando...
Quando... dá a linha... e dá a água com...
Quando... dá a linha... e dá a água com...

BARBOSA

"SEGURA O APITO" - alto e voz a EF

LOCUTOR

Com ADRIANA BARBOSA - MARIA TERESA - ALICE DE
OLIVEIRA - MARIA ESTELAMEROS - DULCIA ALVES -
apresentando: HISTÓRIAS DAS MALUCAS.

SCENARISTA

Um programa escrito por OSVALDO MUEZ - para a Rádio
Record.

DEBATES

Sexta-feira, 21 horas - domingo, meio dia, ouça
novamente "Histórias das Malucas".

CHICA

"SEGURA O APITO".